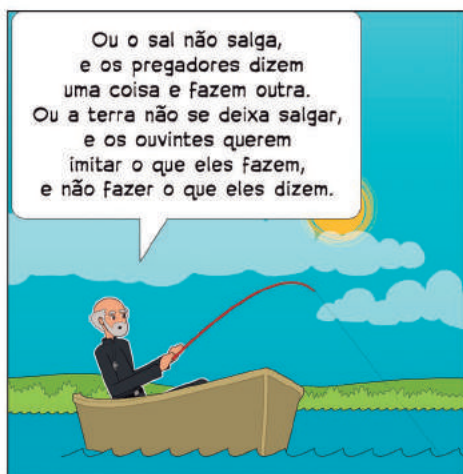
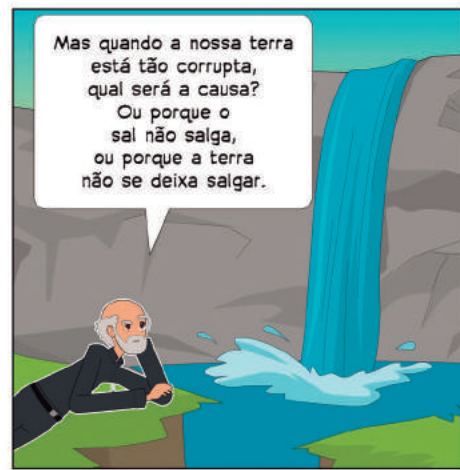


Sermão de Santo António (1654) (Padre António Vieira)





E quanto à terra que não se deixa salgar? Basta ver o que Santo António fez na cidade de Arimino.



Vendo que ele e suas pregações eram criticadas pelo povo, ele não foi embora, nem se calou.



Sai da praça, vai à praia, deixa a terra, vai ao mar, e diz em altas vozes: "Já que os homens não querem ouvir, que me ouçam os peixes".



Ferveram as ondas e os peixes todos, grandes e pequenos, ergueram as cabeças para fora da água. António pregava, os peixes ouviam.



E se outros santos e doutores foram sal da terra, Santo António foi sal da terra e foi sal do mar.



Hoje vou imitar Santo António, indo da terra ao mar, e já que os homens não aproveitam, pregarei aos peixes.



Ao menos os peixes têm duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam.



Irmãos peixes, o sal, filho do mar, como vós, tem duas propriedades: conservar o íntegro, e preservá-lo para que não se corrompa.



Estas mesmas características tinham as pregações de S. António. Uma é louvar o bem, outra repreender o mal.



Suposto isto, dividirei o sermão em dois pontos:

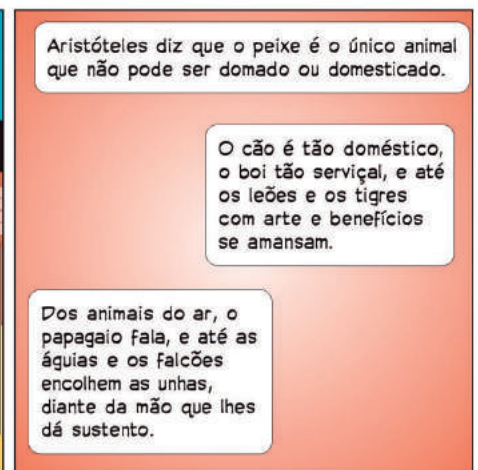
louvando virtudes e repreendo os vícios.



Posso dizer que, entre todas as criaturas, os peixes foram as primeiras que Deus criou.

Começando pelos louvores:

Que comparação tem as aves e os animais terrestres com as dos peixes?



Aristóteles diz que o peixe é o único animal que não pode ser domado ou domesticado.

O cão é tão doméstico, o boi tão serviçal, e até os leões e os tigres com arte e benefícios se amansam.

Dos animais do ar, o papagaio fala, e até as águias e os falcões encolhem as unhas, diante da mão que lhes dá sustento.



Os peixes, pelo contrário, vivem nos seus mares e rios, escondem-se nas suas grutas.

Peixes, quanto mais longe dos homens, melhor!



O boi, mesmo estimado pelo dono, serve para puxar arado e carroça.

O papagaio fala, mas na sua gaiola. O cão se contenta roendo o osso, mas é levado onde não quer pela coleira.



E os tigres e leões comem a carne que não caçaram no bosque, mas são presos em grades de ferro.



No tempo de Noé se sucedeu o dilúvio: dos animais terrestres escaparam dois de cada espécie, fêmea e macho, o mesmo ocorreu com as aves.



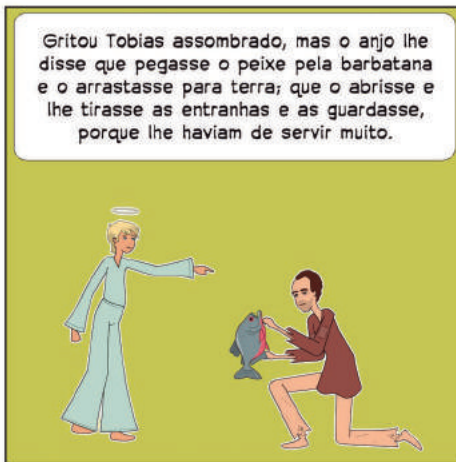
E os peixes? Todos escaparam. Se todos os outros animais morreram, porque Deus poupou os peixes?



Pois o dilúvio era um castigo universal aos homens por seus pecados e os animais próximos a eles. Vejam quão bem é estar longe dos homens.



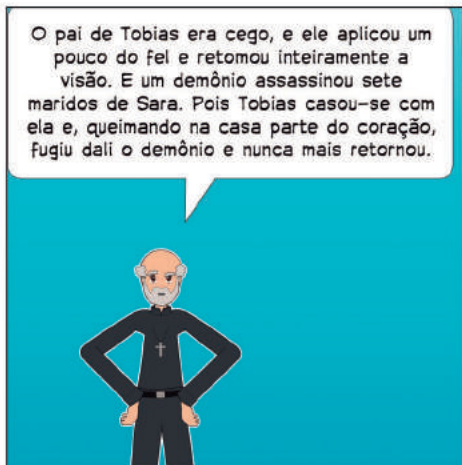
Ia Tobias caminhando com o anjo S. Rafael, e descendo nas margens de um rio, eis que o investe um grande peixe com a boca aberta em ação de que o queria engolir.



Gritou Tobias assombrado, mas o anjo lhe disse que pegasse o peixe pela barbatana e o arrastasse para terra; que o abrisse e lhe tirasse as entranhas e as guardasse, porque lhe haviam de servir muito.



E assim fez Tobias, e perguntando que virtude tinham as entranhas daquele peixe que lhe mandara guardar, respondeu o anjo que o fel era bom para curar da cegueira e o coração para lançar fora os demônios.



O pai de Tobias era cego, e ele aplicou um pouco do fel e retomou inteiramente a visão. E um demônio assassinou sete maridos de Sara. Pois Tobias casou-se com ela e, queimando na casa parte do coração, fugiu dali o demônio e nunca mais retornou.

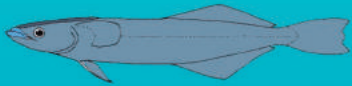


Parecia um retrato marítimo de Santo António! Ah, se houvesse um anjo para revelar que as coisas que o santo dizia, mesmo amargas como fel, eram necessárias para não ser mais cego. E mostrar como com aquele coração, todos os demônios se expulsavam.



Só uma diferença havia entre Santo António e aquele peixe: que o peixe abriu a boca contra quem se lavava, e Santo António abria a sua contra os que não queriam se lavar.

Passando a exemplos naturais, como não louvar a Rémora?



Um peixinho tão pequeno no corpo e tão grande na força. Ele não é maior que um palmo, mas se fica grudado a um barco, o prende mais que uma âncora e o leva aonde quiser.

Vai o barco da Cobiça sobrecarregado, e se não houver uma Rémora que leve a porto seguro, tudo se pode perder...



Quantos no barco da Vingança, já com artilharia montada, iriam naufragar em sua fúria cega, se não houver Rémora que acalme e estenda uma bandeira de paz?

E mais os barcos da Arrogância, da Mentira e de tantos outros, sempre com muitos marinheiros que não percebem os riscos. Venha a Rémora da razão e do entendimento, para que as pessoas e as vidas não se afundem...



É de admirar, também, o peixe que se chama Torpedo.



Está o pescador com a cana na mão, o anzol no fundo e a boia sobre a água... E se um Torpedo morde a isca, começa a tremer seu braço! Não é um efeito admirável?



Num momento, o Torpedo passa a sua virtude da boca ao anzol, do anzol à linha, da linha à cana e da cana ao braço do pescador.



Quem dera toda pessoa pudesse transmitir essa energia e fazer tremer e dar a compreender a cada palavra dita!

Quando estive no Pará, notei um curioso peixe chamado Quatro-Olhos.



Espantei-me, pois Deus deu à Águia, que é o Lince dos céus, só dois olhos. E ao Lince, que é a Águia da terra, também. Mas a esse pequeno peixe, deu quatro!

Como ele tem inimigos no mar e inimigos no ar a natureza deu-lhe dois olhos, que diretamente olhassem para cima, para se proteger das aves, e outros dois que diretamente olhassem para baixo, para se proteger dos peixes predadores.



Aquele peixinho ensinou-me que, se tenho fé e uso da razão, devo olhar diretamente para cima, e diretamente para baixo: para cima, considerando que há Céu, e para baixo, lembrando-me que há Inferno.



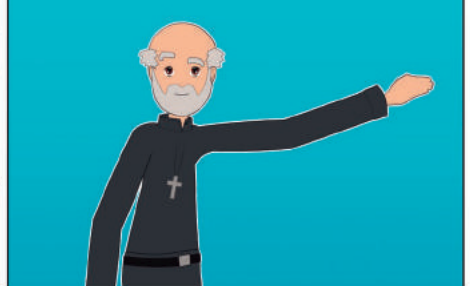
Vocês, peixes, são os companheiros da penitência. Na Quaresma, na Páscoa, vocês se tornam o alimento dos humildes.



Lembrem-se de Cristo e dos dois peixes que, junto com os cinco pães, se multiplicaram tanto que deram de comer a cinco mil homens!



Por isso, por essas qualidades todas, peixes, cresçam e se multipliquem!





Antes que saiam, assim como ouviram os seus louvores, agora escutem também suas repreensões.



A primeira coisa que me indigna de vocês, peixes, é que comem uns aos outros.



Não só comem uns aos outros, senão que os grandes consomem os pequenos. Se fosse o contrário, seria menos mal.



Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos.



Mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande.



É estranho que, todos sendo criados no mesmo ambiente e sejam da mesma natureza, vivam de comer uns aos outros.



Santo Agostinho pregava aos homens para mostrar-lhes o quanto esse escândalo é vergonhoso.



Olhem, peixes...



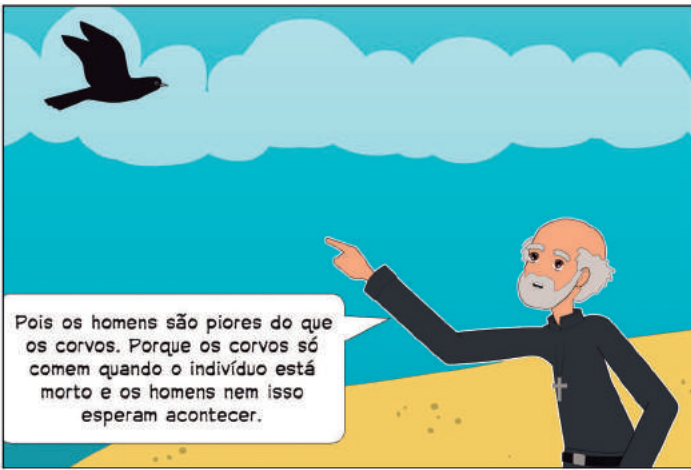
Não, não esses canibais. Olhem a cidade...

Muito maior açougue é o de lá.



Pois os homens, e tudo o que eles têm, são comidos pela família, pelos empregados e por todos que querem tirar a sua parte.

Vocês se comem vivos, e os homens também, pois os herdeiros nem esperam a morte chegar, para despedaçar o doente....



Pois os homens são piores do que os corvos. Porque os corvos só comem quando o indivíduo está morto e os homens nem isso esperam acontecer.



E para que vejam como estes homens comidos na terra são os pequenos e pela mesma forma que vocês comem no mar, ouçam a Deus se queixando sobre essa crueldade.



Deus diz: "Acham que não há-de vir tempo em que conheçam e paguem o seu merecido aqueles que cometem a maldade?"



E que maldade é essa? E quem são aqueles que a cometem?



A maldade é comerem-se os homens uns aos outros, e os que a cometem são os maiores, que comem os pequenos.



Os homens não comem somente seu povo, senão claramente os menos favorecidos, porque esses povos, que são os mais pequenos, são os que menos podem e crescem no poder.



Como se fossem pães!



Pois o pão é comida de todo dia, que sempre e continuamente se come: e isto é o que pagam os pequenos.



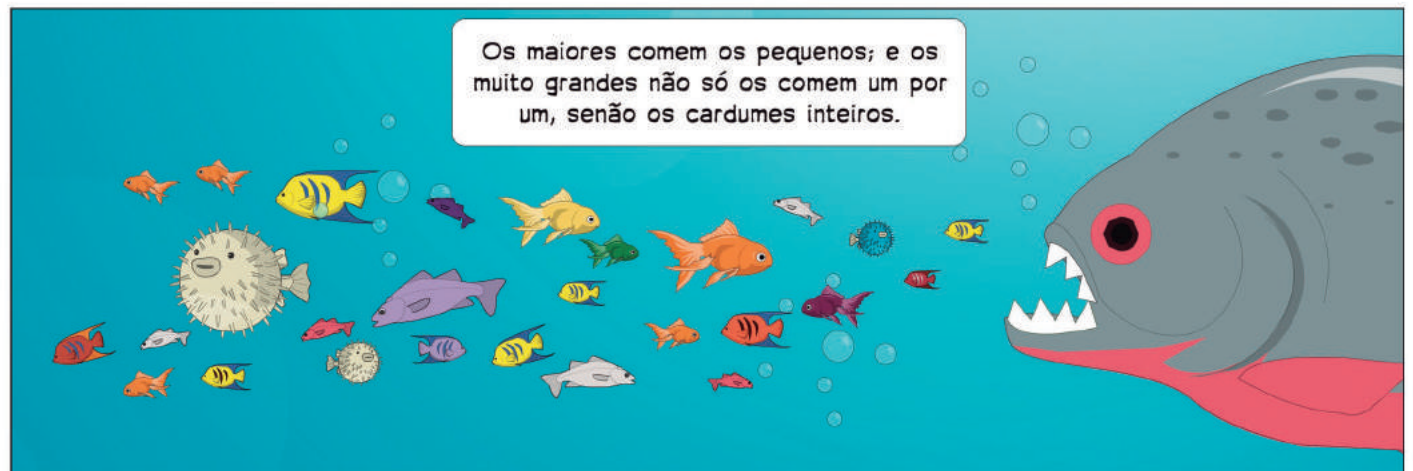
Peixes, parece certo isso?



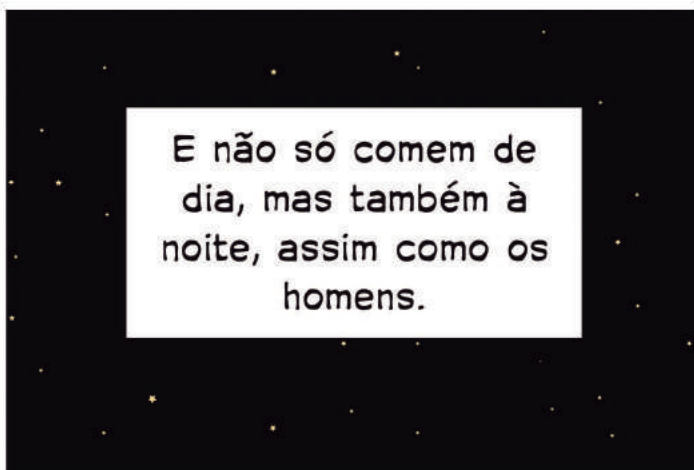
Parece que suas cabeças estão negando, e encarando uns aos outros. Aparentam estarem pasmados de que entre os homens haja tanta maldade.



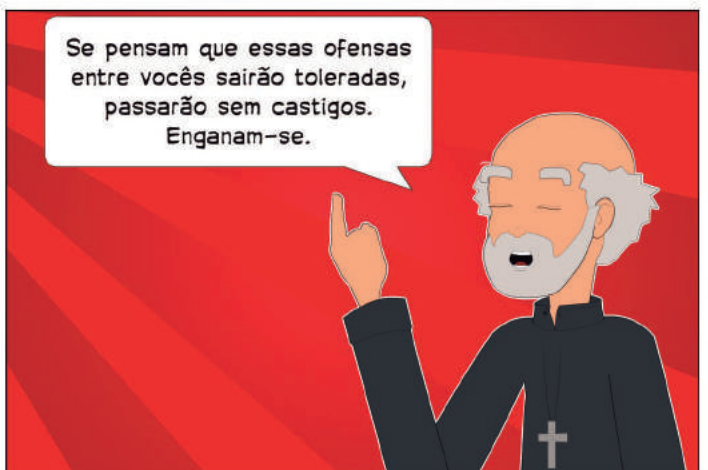
Pois vocês também cometem isto.



Os maiores comem os pequenos; e os muito grandes não só os comem um por um, senão os cardumes inteiros.



E não só comem de dia, mas também à noite, assim como os homens.



Se pensam que essas ofensas entre vocês sairão toleradas, passarão sem castigos. Enganam-se.



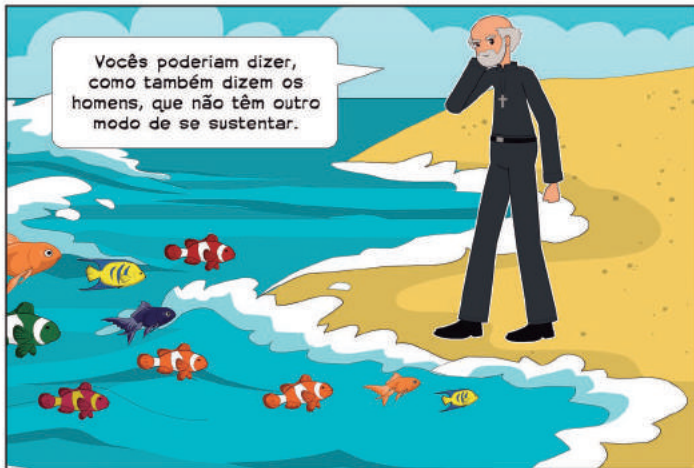
Assim como os homens são castigados, vocês também serão.



É necessário olhar para vocês e que não façam pouco caso da doutrina que Santo Ambrósio lhes disse:



"Que o peixe que persegue o mais fraco para comer não caia na boca de um mais forte"



Vocês poderiam dizer, como também dizem os homens, que não têm outro modo de se sustentar.



E de que se sustentam aqueles peixes que não comem os outros?



O mar é muito largo, muito fértil, muito abundante, e tudo o que provém dele poderia sustentá-los.



Comerem-se uns animais aos outros é voracidade e crueldade, e não estatuto da natureza.



Outra coisa que me lastima em muitos de vocês é aquela tão notável ignorância e cegueira. Pois quantas vezes pegam pedaços de pano que os homens deixam no anzol e morrem por não se soltarem.



Pode haver maior ignorância e mais completa cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida?

E se eu disser que os homens cometem os mesmos erros que vocês?

Dá um exército batalha contra outro exército, metem-se os homens pelas pontas das lanças e das espadas, e por quê?



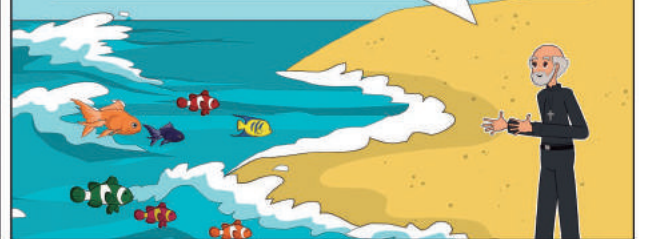
Porque houve quem os enganou e lhes fez isca os panos que representam uma ordem militar. A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens.



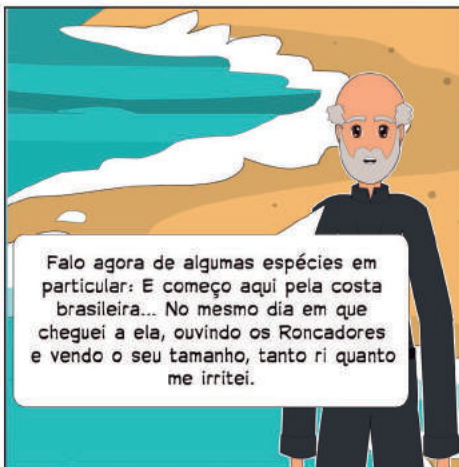
Então, peixes, se é grande loucura desperdiçar a vida engolindo o anzol com dois retalhos de pano, não é maior ignorância e maior cegueira morrer na guerra por duas tirinhas de pano?



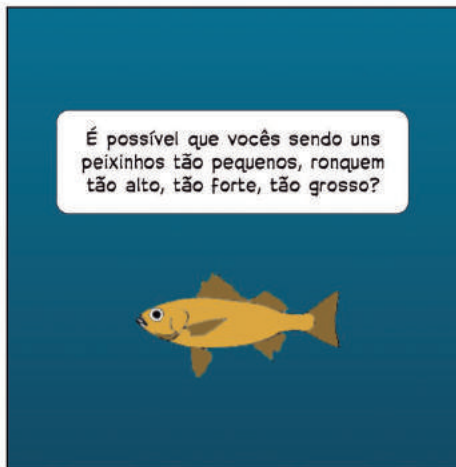
Vejam Santo António, que pouco o pôde enganar o Mundo com essas vaidades. Sendo moço e nobre, deixou as riquezas que aquela idade tanto preza, trocou-as por vestes mais simples, atadas com uma corda. Com aquela corda e com aquele pano, ele pescou muitos, e somente estes não se enganaram e foram sensatos.



Falo agora de algumas espécies em particular: E começo aqui pela costa brasileira... No mesmo dia em que cheguei a ela, ouvindo os Roncadores e vendo o seu tamanho, tanto ri quanto me irritei.



É possível que vocês sendo uns peixinhos tão pequenos, ronquem tão alto, tão forte, tão grosso?



Com uma linha de pesca e um anzol qualquer um pode pescá-los. Então por que fazem tanto barulho?

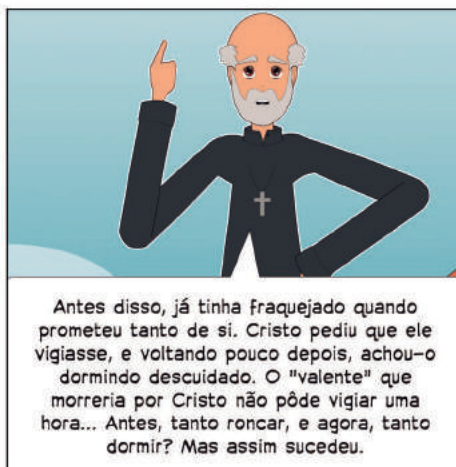
Mas é por isso mesmo que roncam.



Pedro roncou tanto de que seria fiel a Cristo até morrer. E, ao contrário, ele foi quem fraquejou mais que todos. Bastou a voz de uma mulher fazer uma pergunta para que ele tremesse e negasse.

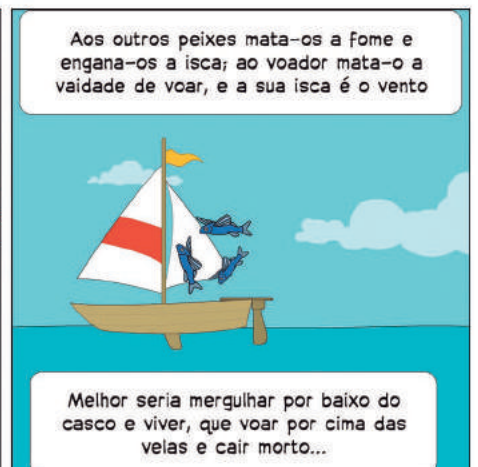
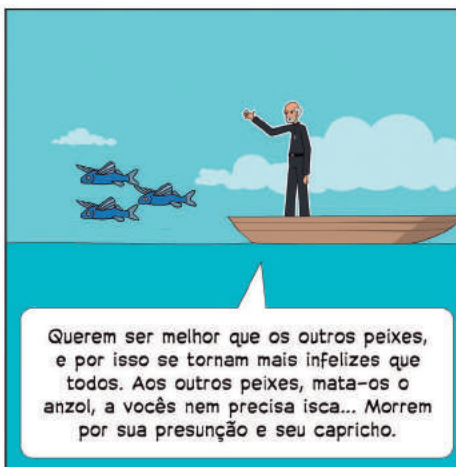
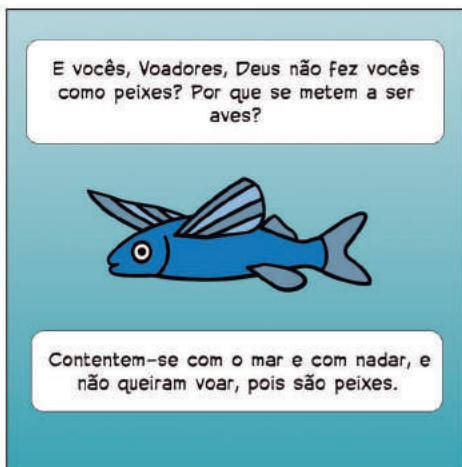
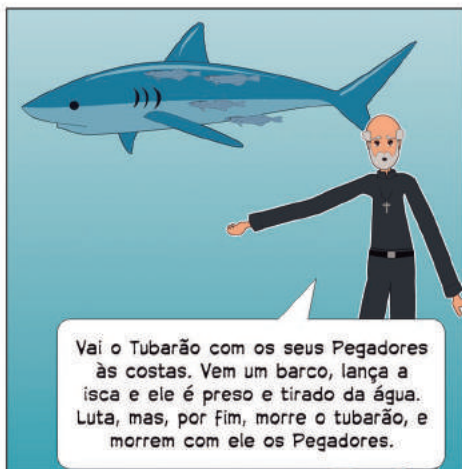
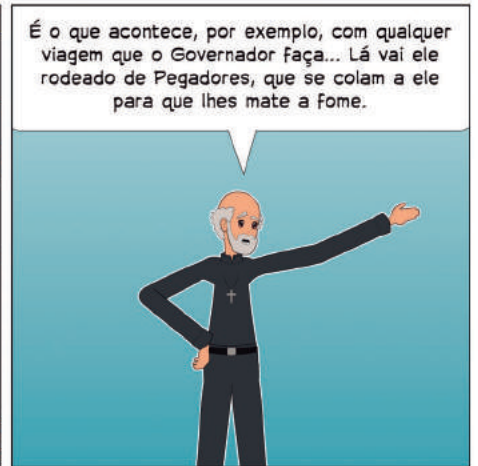
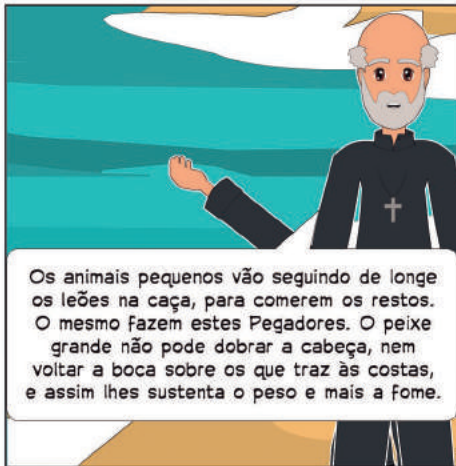
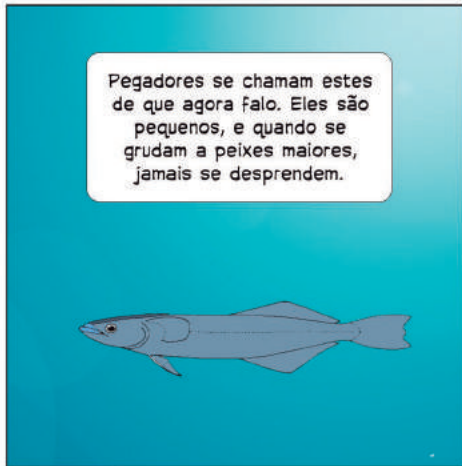


Antes disso, já tinha fraquejado quando prometeu tanto de si. Cristo pediu que ele vigiasse, e voltando pouco depois, achou-o dormindo descuidado. O "valente" que morreria por Cristo não pôde vigiar uma hora... Antes, tanto roncar, e agora, tanto dormir? Mas assim sucedeu.



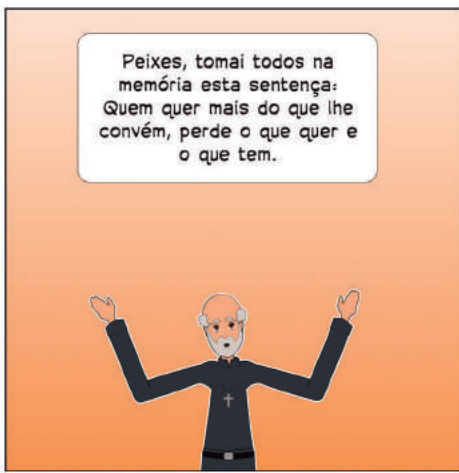
Pois que acham disso, irmãos Roncadores? Se isso sucedeu ao maior pescador, o que pode acontecer ao menor peixe? Meçam-se, e logo verão quão pouco fundamento tem o ato de contar vantagens e roncar.







Não contente com ser peixe, você quis ser ave, e já não é ave nem peixe. A natureza lhe deu a água, você não quis senão o ar, e eu já lhe vejo posto ao fogo.

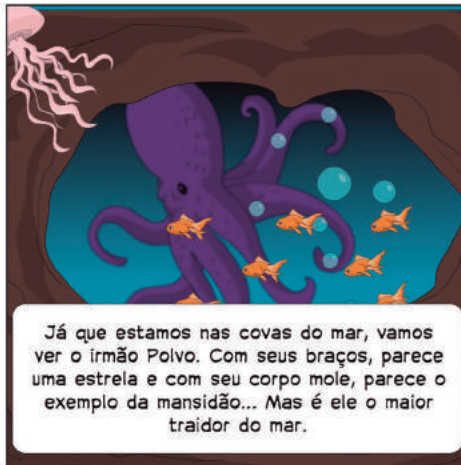


Peixes, tomai todos na memória esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem.

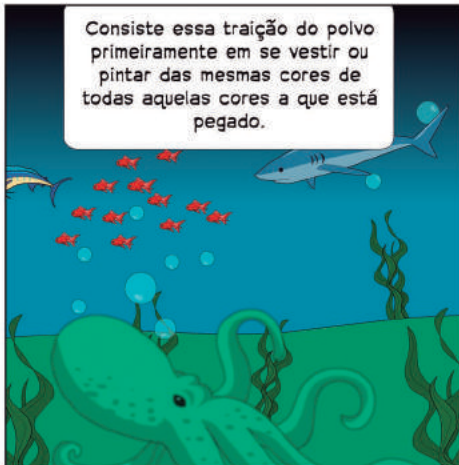


Eis o que acontece com quem não se contenta com o seu elemento...

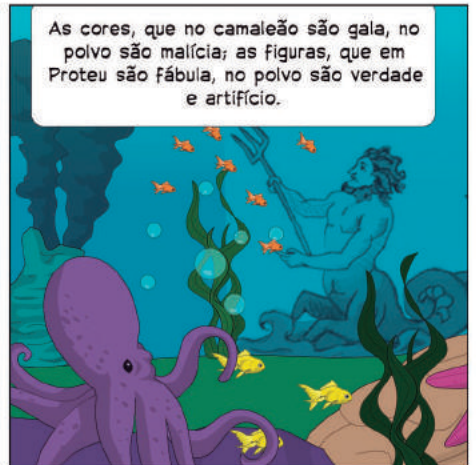
E quantos novos Ícaros vão morrendo em sua ambição



Já que estamos nas covas do mar, vamos ver o irmão Polvo. Com seus braços, parece uma estrela e com seu corpo mole, parece o exemplo da mansidão... Mas é ele o maior traidor do mar.



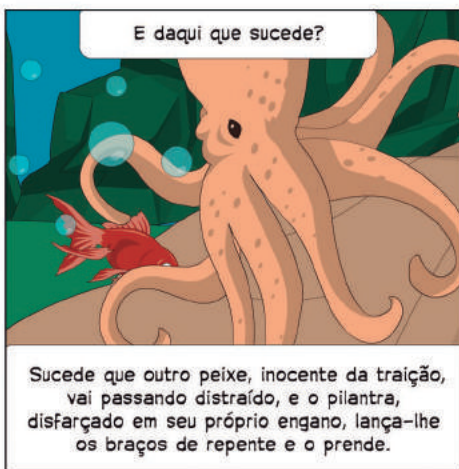
Consiste essa traição do polvo primeiramente em se vestir ou pintar das mesmas cores de todas aquelas cores a que está pegado.



As cores, que no camaleão são gala, no polvo são malícia; as figuras, que em Proteu são fábula, no polvo são verdade e artifício.



Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo: e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra.



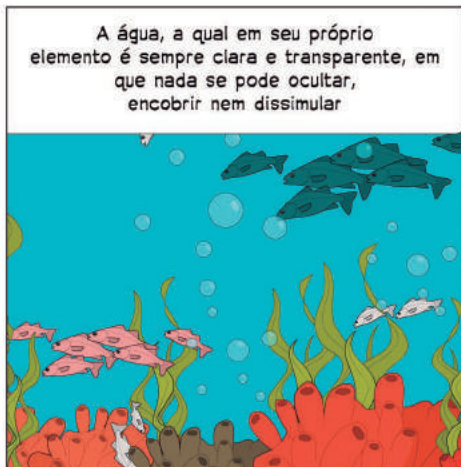
E daqui que sucede?

Sucede que outro peixe, inocente da traição, vai passando distraído, e o pilantra, disfarçado em seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente e o prende.



Judas fez mais que isso?

Não fez mais, porque não fez tanto. Judas abraçou a Cristo, mas outros o prenderam; o polvo é o que abraça e o que prende.



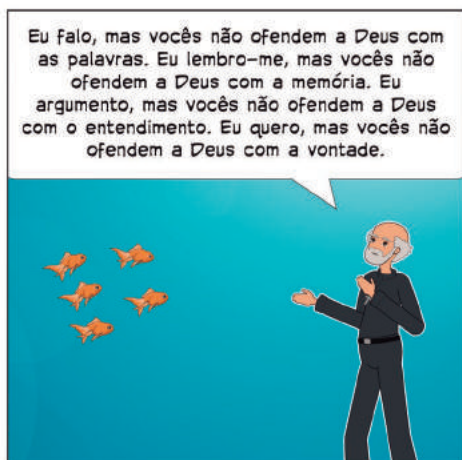
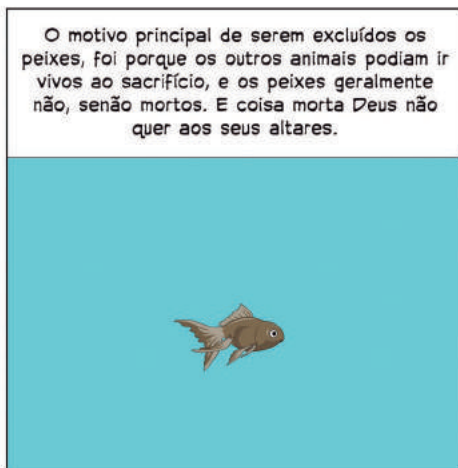
A água, a qual em seu próprio elemento é sempre clara e transparente, em que nada se pode ocultar, encobrir nem dissimular



E que neste mesmo elemento se crie, se conserve e se exercite com tanto dano do bem público um monstro tão dissimulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso e tão conhecidamente traidor!



Vejo, peixes, que pelo conhecimento que têm das terras em que batem os seus mares, estão me respondendo e sabendo, que também nelas há falsidades, enganos, ciladas e muito maiores traições.



Projeto de Pesquisa: «A arquitetura lógica e a construção retórica nos sermões do padre Antônio Vieira»

Coord: Saulo Gomes Thimóteo

Bolsista: Nauhanna Soares Gonçalves

Voluntários: Alexandre Santin, Andrielly Pagnoncelli, Bianca Sartori, Cláudia de Carli, Pamela Klein e Viviane Betiol

Instituição



Sítio de realização

